

PRÁTICA DE ANÁLISE LINGUÍSTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL E SUA RELAÇÃO COM OS GÊNEROS DISCURSIVOS

Terezinha da Conceição Costa-Hübes¹

RESUMO: A Prática de Análise Linguística (PAL) constitui-se como um dos eixos do ensino de Língua Portuguesa que requer estudos, reflexões e proposições didáticas, haja vista a dificuldade que ainda se encontra na escola para trabalhar com a língua dentro dessa perspectiva. Sendo assim, assumimos, nesta pesquisa, tal prática como tema, e situamos as reflexões nos pressupostos bakhtinianos porque compreendemos a linguagem como dialógica e como forma de interação. Orientadas por esse viés teórico, nosso objetivo é apresentar uma possibilidade de trabalho com a língua que envolva a PAL (GERALDI, 1984, 1997), considerando o gênero autobiografia e seu contexto extraverbal (dimensão social) e verbal (dimensão verbo-visual), conforme pressupostos de Volochinov e Bakhtin (1926), Rodrigues (2001), dentre outros. Tais reflexões ancoram-se no campo da Linguística Aplicada e orientam-se pelo viés qualitativo interpretativista, uma vez que consideram a linguagem em seu contexto de ensino e aprendizagem. Como resultado, esperamos subsidiar a prática docente no ensino fundamental, ao apresentar possibilidades de trabalho com o gênero autobiografia.

PALAVRAS-CHAVE: Prática de análise linguística. Gênero discursivo autobiografia. Contexto extraverbal e verbal dos gêneros.

ABSTRACT: The Practice of Language Analysis (PLA) is one of the themes of Portuguese language teaching that requires studies, reflections and didactic proposals, given the difficulties still found in school to work with the language within this perspective. Thus, in this research, we took such practice as our object of study, and based our reflections in the postulates of Bakhtin, once we understand language as being dialogic and a form of social interaction. Guided by this theoretical support, our aim is to present a possibility of working with the language that involves the PLA (GERALDI, 1984, 1997), considering the genre autobiography and its extraverbal (social dimension) and verbal context (verbal-visual dimension), according to the assumptions of Volochinov and Bakhtin (1926), Rodrigues (2001), among other authors. Such reflections are anchored in the field of Applied Linguistics and are guided by a qualitative and interpretative research, since it considers language in its teaching and learning context. As a result, we hope to support teaching practice in elementary school by presenting possibilities of working with the genre autobiography.

¹ Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professora do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: <tehübes@gmail.com>

KEY-WORDS: Practice of Language Analysis. Genre autobiography. Extraverbal and verbal context of speech genres.

Introdução

Ao apresentarmos algumas reflexões e proposições sobre a Prática de Análise Linguística (PAL, doravante) no ensino fundamental, colocamo-nos no lugar de quem reconhece a linguagem como dialógica e como forma de interação, o que significa dizer que nos situamos nos pressupostos bakhtinianos e é a partir desse lugar teórico que falamos.

Se nosso engajamento teórico sustenta-se no princípio dialógico e interacional da linguagem, então, ao abordar a PAL nas aulas de Língua Portuguesa (doravante LP), promovemos reflexões sobre a língua, de modo que a atenção se volte para o enunciado em estudo, produzido por um sujeito autor que, tendo em vista uma necessidade de dizer/escrever, recorre a um determinado gênero discursivo. Para isso, considera, naquela situação comunicativa, além da esfera social de produção, de seu(s) interlocutor(es), do momento histórico, do lugar (físico e social) de onde se está falando/escrevendo, do suporte e do veículo de circulação, também os elementos constituintes do gênero, quais sejam: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Segundo Bakhtin, “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 265). Logo, não há como refletir sobre o uso da língua sem falar em gênero, em enunciado, em texto e sobre os elementos que estão neles imbricados, pois, nas palavras do autor, “nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 265).

Isso implica considerar, no ensino de LP, o contexto sócio-histórico e ideológico em que a língua está inserida. Em outras palavras: no estudo do léxico ou de uma estrutura frasal e/ou gramatical é preciso dar importância a seu contexto, a seu percurso histórico e às transformações sofridas para ajustar-se ao gênero, ao estilo e aos interlocutores envolvidos na interação.

Nessa direção teórica, objetivamos, neste texto, tecer reflexões sobre encaminhamentos que envolvam a PAL, na perspectiva de subsidiar o trabalho de docentes do ensino fundamental.

Para isso, organizamos o artigo da seguinte forma: inicialmente, apresentamos uma breve reflexão sobre o que significa, teoricamente, AL; em seguida, a título de exemplificação, desenvolvemos uma PAL dentro de encaminhamentos de leitura, selecionando, para isso, um

texto do gênero autobiografia, o qual exploramos em relação ao seu contexto extraverbal (dimensão social) e verbal (ou verbo-visual), seguindo os preceitos teórico-metodológicos de Volochinov e Bakhtin (1926).

O que significa, afinal, a Prática de Análise Linguística?

O termo *análise linguística* foi empregado por Geraldi, pela primeira vez, em 1981, quando publicou o texto *Subsídios metodológicos para o ensino de língua portuguesa* no Caderno da FIDENE, nº 18. Posteriormente, o autor retomou o termo no livro por ele organizado e intitulado *O texto na sala de aula* (1984). Tecendo críticas à condução que o ensino de LP vinha recebendo até então, o autor defende, pautado em leituras dos textos do Círculo de Bakhtin, a linguagem como lugar da interação humana, argumentando que é por meio dela que os sujeitos praticam ações, agem sobre o ouvinte, constituem compromissos e vínculos que não preexistiam. Para Geraldi, “a língua só tem sentido no jogo que se joga na sociedade, na interlocução, e é no interior de seu funcionamento que se pode procurar estabelecer as regras de tal jogo” (GERALDI, 1984, p. 43).

Nessa dimensão, estudar a língua significa reconhecer os compromissos que se criam por meio da linguagem, de forma que possamos interagir significativamente em uma situação concreta de interação. Tal premissa remete ao papel do sujeito autor e leitor de textos que, ao se colocar nessa posição, precisa compreender os fatores que envolvem um processo discursivo, o que exige, muitas vezes, ter conhecimento sobre o gênero discursivo que sustenta aquela enunciação, o contexto que a envolve, assim como considerar os elementos constituintes do gênero (conteúdo temático, estilo e construção composicional).

Todavia, para que se garanta, no estudo da linguagem, a compreensão desses elementos, Geraldi alerta para a necessidade de se repensar os conteúdos de ensino da língua. Para o autor,

[...] uma coisa é saber a língua, isto é, dominar a língua em situações concretas de interação, entendendo e produzindo enunciados, percebendo as diferenças entre uma forma de expressão e outra. Outra coisa é saber analisar uma língua dominando conceitos e metalinguagem a partir dos quais se fala sobre a língua, se apresentam suas características estruturais de uso (GERALDI, 1984, p. 47).

As palavras do autor nos chamam a atenção para duas práticas de ensino que concorrem, hoje, na escola. A primeira está voltada para a formação de um sujeito capaz de dominar práticas essenciais de uso da língua, seja em situações de produção de textos (oral, escrito e multimodal), de diferentes gêneros, envolvendo, conseqüentemente, os mais variados interlocutores; seja em práticas de leitura, a partir das quais tenha que assumir uma atitude responsiva, dialogando,

questionando, concordando, opinando, enfim, interagindo com o autor. A segunda prática se volta para a formação de um sujeito analista da língua, que saiba classificar palavras e frases, explicar estruturas linguísticas, que tenha domínio da gramática.

A PAL tem como pretensão abarcar essas duas práticas, de modo que a segunda esteja a serviço da primeira, ou seja, que a capacidade de análise da língua seja desenvolvida para que o sujeito amplie suas capacidades linguístico-discursivas na produção de enunciados que atendam a diferentes situações de interação. Além disso, que essa capacidade de análise lhe possibilite refletir sobre a língua em seus diferentes contextos, seja no texto do outro (já produzido e publicado) ou em seu próprio texto em construção, atentando tanto para o conteúdo temático que ali se institui, quanto para a construção composicional do gênero e para o estilo linguístico empregado pelo autor naquele enunciado.

Ao olhar para o estilo, olha-se, mais especificamente, para as marcas linguísticas do texto (escolhas lexicais, sintáticas, semânticas, estruturais e/ou recursos multimodais como cores, imagens, figuras etc.), sem perder de vista o extraverbal que, de algum modo, incidiu para que aquelas escolhas linguísticas tivessem sido feitas. É preciso relacionar, ainda, o estilo com os valores, os aspectos axiológicos que envolvem o enunciado, pois “Todos os elementos do estilo de uma obra poética estão também impregnados da atitude avaliativa do autor com relação ao conteúdo e expressam sua posição social básica” (VOLOCHINOV; BAKHTIN, 1926, p.13). Logo, o estilo não condiz apenas à parte verbal do enunciado; ele corresponde também à sua dimensão social (extraverbal).

É importante lembrarmos, então, que o estilo corresponde tanto ao gênero quanto ao autor do enunciado. Por isso, é possível tratar do estilo do gênero e do estilo do autor. E, nesse âmbito, segundo Bakhtin (2003[1979]), o estudo do estilo aproxima-se e ao mesmo tempo diverge do estudo da gramática, pois

[...] se o examinamos apenas no sistema da língua estamos diante de um fenômeno gramatical, mas se o examinamos no conjunto de um enunciado individual ou do gênero discursivo já se trata de fenômenos estilísticos. Por que a própria escolha de uma determinada forma gramatical pelo falante é um ato estilístico (BAKHTIN, 2003[1979], p. 269).

Relacionando a fala do autor com a PAL, entendemos que o reconhecimento e estudo do estilo de um gênero e/ou do autor de um enunciado correspondem a essa prática. Nas palavras do autor, a expressividade típica de um gênero pode ser considerada como “auréola estilística” da palavra, já que a mesma ali empregada não pertence à palavra da língua, “[...]”

mas ao gênero em que dada palavra costuma funcionar, é o eco da totalidade do gênero que ecoa na palavra” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 293). Sendo assim, o estilo está imbricado tanto com o conteúdo temático quanto com a construção composicional do gênero, uma vez que esses elementos se absorvem na constituição do todo do enunciado.

No que se refere ao estilo do autor, Bakhtin ressalta que todo enunciado “[...] é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 265). Esse estilo individual, por sua vez, está impregnado de nuances da esfera social à qual pertence o autor, pois todo sujeito é constituído socialmente.

Mas, como desenvolver uma PAL?

A PAL pode ocorrer tanto em atividades de leitura como em atividade de reescrita textual, pois essa prática considera o texto (lido ou produzido) como objeto de estudo, de modo que, para proceder à análise linguística, é preciso perpassar as demais atividades envolvidas no processo de leitura e compreensão de um texto. Nas palavras de Geraldi, “Criadas as condições para atividades interativas efetivas em sala de aula, quer pela produção de textos, quer pela leitura de textos, é no interior destas e a partir destas que a análise linguística se dá” (GERALDI, 1997, p. 189).

Sob esse viés, a PAL refere-se a uma abordagem de ensino organizada para promover a reflexão sobre como se fala e como se escreve em determinado contexto, envolvendo, dessa forma, conforme Geraldi (1997), atividades *linguísticas*, *epilinguísticas* e *metalinguísticas*. Essas atividades com a linguagem são assim explicadas pelo autor: a) *As atividades linguísticas* ocorrem durante os processos de interação e permitem a progressão do texto. Trata-se, na verdade, de agenciamento de recursos expressivos selecionados pelo locutor para que seja compreendido pelo interlocutor; b) *As atividades epilinguísticas* resultam de um processo de reflexão sobre os próprios recursos expressivos, presentes nos processos interacionais. Trata-se, portanto, de uma operação consciente que se volta mais especificamente para os recursos expressivos utilizados em determinada situação de interação; c) *As atividades metalinguísticas*, por sua vez, procuram construir uma metalinguagem sobre a linguagem, trabalhando com conceitos, classificações, recorrendo, para isso, a construções de especialistas sobre a língua.

Contudo, segundo o autor, as atividades metalinguísticas devem ser realizadas após as epilinguísticas, pois ele entende que, ao fazer esse percurso, aquelas terão mais sentido dentro do processo reflexivo e contextualizado que deve permear o trabalho com a língua.

Considerando esse pressuposto, Perfeito (2007) sistematiza procedimentos para que a PAL seja levada a efeito:

- na mobilização dos *recursos* linguístico-expressivos, propiciando a coprodução de sentidos, **no processo de leitura**, tendo em vista o(s) *gênero(s) discursivo(s)* em que os textos são apresentados [...].
- **no momento da reescrita textual**, local de análise da produção de sentidos; de *aplicação* de elementos, referentes ao arranjo composicional, às marcas linguísticas (do *gênero*) e enunciativas (do sujeito-autor), de acordo com o *gênero(s) discursivo(s)* selecionado(s) e com o contexto de produção, na elaboração do texto (PERFEITO, 2007, p. 829, grifos da autora).

Acrescentamos às palavras da autora que a PAL deve considerar ainda a mobilização de recursos em função do(s) interlocutor(es) envolvidos (autor e leitor) e em função do conteúdo abordado, pois, “Eles são a força viva que determinam a forma e o estilo e são distintamente detectáveis por qualquer contemplador competente” (VOLOCHINOV e BAKHTIN, 1926, p. 13).

Embora saibamos que essa prática também pode se concretizar a partir da análise de texto do aluno, em atividades de reescrita textual, optamos por abordar, nesse artigo, a PAL apenas a partir da leitura de um texto. Assim, na perspectiva de relacionar essa compreensão teórica com uma abordagem prática, a seguir, apresentamos algumas possibilidades de concretização em um encaminhamento de leitura.

A prática de análise linguística em atividades de leitura

Para ilustrar uma PAL nos encaminhamentos de atividades de leitura, selecionamos um texto que pertence a um gênero muito conhecido e também trabalhado no ensino fundamental: o gênero autobiografia. A seleção de um gênero conhecido e trabalhado na escola é proposital, pois nossa ideia é aproximar as reflexões aqui apresentadas o máximo possível daquilo que se faz ou que pode ser feito em aulas de LP. Por outro lado, essa opção nos libera de delongarmos na apresentação do gênero, haja vista sua grande circulação principalmente na esfera escolar.

Todavia, como Bakhtin (2003[1979]) defende a importância do reconhecimento da natureza do enunciado no estudo da língua, e Volochinov e Bakhtin (1926) ressaltam a necessidade de se considerar, no estudo de um enunciado, sua dimensão extraverbal, inicialmente pretendemos explorar, mesmo que minimamente, o que Rodrigues (2001) denominou, amparada nos estudos bakhtinianos, de *dimensão social do gênero e do enunciado*. Conforme Rodrigues (2001, p. 20), “Não se pode compreender o enunciado sem correlacioná-lo com a sua situação social, pois o discurso, como fenômeno de comunicação social, é

determinado pelas relações sociais que o suscitarão. O discurso é um acontecimento social”. Sendo assim, convém-nos explorar o contexto de produção do gênero autobiografia.

Para isso, partiremos da análise da dimensão social do gênero e da dimensão verbal que contempla, nas palavras de Brocardo (2015), parafrazeando Rodrigues (2001), a “análise do conteúdo temático, do estilo e da construção composicional, considerando-se as relações dialógicas estabelecidas em uma situação específica de interação em um dado campo da comunicação discursiva” (BROCARD, 2015, p. 78). Na análise do estilo focalizamos com maior ênfase a PAL², relacionando-a com todos os demais elementos explorados, pois, de acordo com Bakhtin, “A análise estilística, que abrange todos os aspectos do estilo, só é possível como análise de um elemento *pleno* e só naquela cadeia da comunicação discursiva da qual esse enunciado é um *elo* inseparável” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 306, grifos do autor).

Análise da dimensão social do gênero autobiografia

Volochinov e Bakhtin (1926), ao referirem-se à constituição dos discursos, defendem que só a análise do aspecto verbal de um enunciado é insuficiente, pois ele depende de seu contexto extraverbal para significar.

A situação pragmática extraverbal do enunciado apontada pelos autores é mencionada por Rodrigues (2001) como *dimensão social* do gênero que, segundo a autora, ultrapassa os elementos linguísticos e incorpora os elementos extralinguísticos que envolvem toda a situação de produção do enunciado e, por isso, exercem determinações sobre o gênero. A dimensão extraverbal é tão importante para o enunciado quanto seus elementos expressos, materializados, que podemos perceber visualmente.

Trata-se, assim, de um horizonte presumido que engendra o enunciado com a vida. Logo, segundo Volochinov e Bakhtin (1926), o contexto extraverbal compreende três fatores: 1) *o horizonte espacial comum dos interlocutores*; 2) *o conhecimento e a compreensão comum da situação por parte dos interlocutores*; e 3) *sua avaliação comum dessa situação*.

Rodrigues (2001), a partir desses fatores, estabeleceu as seguintes categorias para a análise/compreensão de um enunciado:

² Lembramos que podemos trabalhar com a AL em outros momentos também, tais como, quando estivermos explorando o conteúdo temático e a construção composicional, pois, como afirma Bakhtin (2003), esses elementos “estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação (BAKHTIN, 2003[1979], p. 262).

- a) *horizonte espacial e temporal*: corresponde ao onde e quando do enunciado;
- b) *horizonte temático*: corresponde ao objeto, ao conteúdo temático do enunciado (aquilo de que se fala);
- c) *horizonte axiológico*: é a atitude valorativa dos participantes do acontecimento (próximos, distantes) a respeito do que ocorre (em relação ao objeto do enunciado, em relação aos outros enunciados, em relação aos interlocutores) (RODRIGUES, 2001, p.24, grifos nossos).

Atentando para as palavras da autora e recorrendo ao que foi expresso por Volochinov e Bakhtin (1926), interpretamos que, para a compreensão de um enunciado, é importante que os interlocutores envolvidos (autor e leitor/ouvinte) tenham conhecimento do lugar do qual ou sobre o qual estão falando; e, da mesma forma, compartilhem o tempo do qual/sobre o qual se fala, ou seja, que o *horizonte espacial e temporal* seja comum aos interlocutores. Em relação àquilo que Rodrigues (2001) denominou de *horizonte temático*, entendemos que os envolvidos na interação devem partilhar, ter conhecimento e compreender a situação de que se fala. Trata-se de um “conjuntamente sabido”, conforme denominaram Volochinov e Bakhtin (1926). E, finalmente, o *horizonte axiológico*, conforme Rodrigues (2001), corresponde ao que os autores definiram como *uma avaliação comum dessa situação*, ou, em outras palavras, “unanimemente avaliado” pelos interlocutores.

Ampliando essas reflexões, Volochinov e Bakhtin (1926) afirmam que nem sempre o discurso verbal reflete a situação extraverbal. Há casos em que é preciso que os interlocutores estejam diretamente envolvidos com o ato enunciativo e que atuem como coparticipantes que conhecem, entendem e avaliam a situação de maneira igual. Nessas condições, segundo os autores, o enunciado “[...] *depende de seu complemento real, material, para um e o mesmo segmento da existência e dá a este material expressão ideológica e posterior desenvolvimento ideológico comuns*” (VOLOCHINOV e BAKHTIN, 1926, p. 6, grifos dos autores). O extraverbal não age sobre o enunciado de fora, mas se integra a ele como parte constitutiva, essencial à sua significação. Essa parte presumida do enunciado revela, portanto, as emoções dos envolvidos na interação, bem como os valores, as entonações e as avaliações sociais da vida.

Os três elementos – *horizonte espacial e temporal*, *horizonte temático* e *horizonte axiológico* – correspondem àquilo que não está expresso verbalmente no texto, mas que incide diretamente sobre as escolhas linguístico-discursivas do autor do texto. Por isso, a PAL, embora se atente para as escolhas verbais (e multimodais), tem sua gênese no extraverbal.

E qual é a dimensão social do gênero autobiografia?

Antes de refletirmos sobre essa dimensão, apresentamos o texto (enunciado) que nos impeliu a esta análise.

Quadro 01 – Um texto do gênero autobiografia

Autobiografia (Helena Kolody)

Nasci no dia 12 de outubro de 1912, no núcleo colonial de Cruz Machado, em pleno sertão paranaense. Eram 8 horas da manhã de um dia de sol e geada.

Meus pais eram ucranianos, que se conheceram e casaram no Paraná. Eu sou a primogênita e a 1ª brasileira de minha família.

Miguel Kolody, meu pai, nasceu na parte da Ucrânia chamada Galícia Oriental, em 1881. Tendo perdido o pai na grande epidemia de cólera que assolou a Ucrânia em 1893, Miguel, no ano seguinte, emigrou para o Brasil com a mãe e os irmãos.

Mamãe, cujo nome de solteira era Victoria Szandrowska, também nasceu na Galícia Oriental, em 1892. Veio para o Brasil em 1911.

Vovô radicou-se em Cruz Machado, onde papai trabalhava. "Seu" Miguel conheceu a jovem Victoria e apaixonou-se por ela. Casaram-se em Janeiro de 1912. Estava escrito o primeiro capítulo da minha história.

Cursei a Escola Normal de Curitiba (atual Instituto de Educação do Paraná), diplomando-me em 1931. Sou uma simples professora normalista e tenho muito orgulho disso. Escolhi o Magistério levada pelo impulso irresistível da vocação. A poesia foi um imperativo psicológico. Ao Magistério, dediquei os melhores anos de minha vida. Lecionei com prazer e entusiasmo. Amei meus alunos como se fossem meus irmãos, meus filhos.

Muitas de minhas melhores amigas de hoje foram minhas alunas. O Magistério e a poesia são as duas asas do meu ideal.

Fonte: Texto retirado do livro *Helena Kolody - Sinfonia da vida*. Organização: Tereza Hatue de Rezende. Coleção Antologia poética. D.E.L. Editora/Lettraviva, Pólo Editorial do Paraná "A transformação que agente lê", 1997, p. 11.

Na perspectiva de possibilitar maior visibilidade e compreensão da análise que a seguir efetivamos, organizamos o quadro 02, no qual sintetizamos uma possibilidade de análise da dimensão social do gênero autobiografia, atentando, nesse caso, para o texto autobiográfico de Helena Kolody, conforme consta no quadro 01.

Antes, vale destacarmos que se trata de um texto que provavelmente foi “encomendado” à autora para constar no livro *Sinfonia da vida*, organizado por Tereza Hatue de Rezende, e que reúne poemas de Helena Kolody que contam sua própria história. Devido ao estilo e ao conteúdo temático dos poemas que constam nesse livro, ele pode ser considerado autobiográfico, pois retratam as lembranças da família, dos amores perdidos e das inquietações da poetisa. Trata-se, assim, de uma obra que, ao mesmo tempo em que sintetiza a essência do fazer poético de Helena Kolody, dá voz à poetisa que se explica e se justifica diante do que escreve.

Embora a autobiografia constante no quadro 01 introduza a obra *Sinfonia da vida*, nosso foco neste estudo não será a obra em si, mas sim o enunciado autobiográfico por pertencer ao gênero que propomos analisar.

Para exemplificarmos, no quadro 02 apresentamos alguns elementos que podem ser explorados em cada um dos horizontes extraverbiais³, de modo que possamos recuperar, pelo menos em parte, a dimensão social do gênero em estudo.

Quadro 02 – Dimensão social do gênero autobiografia

Contexto de produção do gênero e enunciado em estudo		Respostas que podem definir a dimensão social do gênero e do enunciado em análise
Elementos do contexto de produção	Perguntas que podem ser feitas para recuperar o contexto de produção	
Horizonte espacial e temporal	Onde é produzido?	É produzido, geralmente, pelo próprio autobiografado em sua casa ou local de trabalho. O enunciado em análise (quadro 01) foi produzido pela própria autora – Helena Kolody – que no ano da publicação, residia em Curitiba/PR.
	Qual é a esfera social de produção?	A esfera social de produção dos enunciados autobiográficos é, normalmente, a literária, mas pode adquirir nuances de outras esferas, como a jornalística, por exemplo, dependendo do papel social ocupado pelo autor e de seu propósito discursivo. A autobiografia de Helena Kolody, devido ao perfil da autora (poeta) e ao livro para o qual foi produzida (<i>Sinfonia da Vida</i>) pode ser traduzida como pertencente à esfera literária.
	Quando é produzido/ publicado? (momento histórico de produção)	É produzido contemporaneamente à vida do autor. Todavia, trata-se de um gênero que já existe há séculos. O enunciado em estudo (quadro 01) foi publicado em 1997, quando a poetisa estava com 85 anos (6 anos antes de sua morte). Esse texto foi produzido para compor um livro organizado por Tereza Hatue Resende (professora, escritora, pesquisadora e historiadora), que reúne poemas autobiográficos de Helena Kolody.
	Qual é o veículo de circulação?	As autobiografias geralmente circulam por meio de livros e páginas na internet. O enunciado em foco circula no livro <i>Sinfonia da Vida</i> , organizado por Tereza Hatue Resende. Todavia, é possível encontrá-lo, também, em muitas páginas na internet que objetivam divulgar o gênero autobiografia ou a vida da poetisa.

³Destacamos que esses elementos não esgotam as possibilidades de análise da dimensão extraverbal. Apenas apontam alguns possíveis encaminhamentos.

		Qual é o suporte de circulação?	Quando circula em livros, o suporte da autobiografia é o papel, material impresso. Quando circula <i>online</i> , seu suporte é a mídia (internet). No enunciado em análise, seu suporte é o livro <i>Sinfonia da Vida</i> .
Horizonte temático		Qual é o seu tema ou conteúdo temático?	O tema das autobiografias organiza-se em torno de fatos importantes da vida do autobiografado, de memórias do passado. Na biografia de Helena Kolody, a poetisa opta por selecionar informações relevantes de sua vida que destacam sua origem e a origem ucraniana de seus pais. Além disso, enfatiza sua formação profissional e sua opção pela poesia.
		Com que finalidade?	A finalidade das autobiografias é tornar públicos para a sociedade fatos importantes da vida do autobiografado para que a pessoa seja mais reconhecida e valorizada socialmente. Nessa perspectiva, Helena Kolody deseja, por meio de seu enunciado autobiográfico, que seus leitores sejam conhecedores de sua origem humilde, de sua descendência ucraniana, de seus pais e do amor que os uniram, enfim, de seu amor pela profissão e pela poesia.
Horizonte axiológico	Interlocutores	Quem é que produz os textos?	Os textos autobiográficos são produzidos pela própria pessoa que está sendo autobiografada ou, em alguns casos, o autobiografado contrata um escritor para escrever sobre a sua vida. No enunciado em estudo, foi a própria Helena Kolody quem produziu sua autobiografia. Tanto que, para comprovar, ao lado do texto impresso no livro, consta o texto manuscrito pela autora.
		Qual é o papel social do autor?	O autobiografado é uma pessoa pública, reconhecida pelo papel social que ocupa na sociedade, que pode ser de poeta, jornalista, político, jogador de futebol, cantor, ator, dentre outros. No texto em foco, o papel social pelo qual Helena Kolody passou a ser conhecida amplamente foi o de poetisa. Ela é uma das mais importantes poetisas do Paraná.
		Para quem é produzido?	As autobiografias são produzidas para aqueles leitores que se interessam pela vida social do autobiografado. Em relação ao enunciado em estudo, Helena Kolody o escreveu para fazer parte do livro <i>Sinfonia da Vida</i> , organizado por Tereza Hatue Resende, uma estudiosa e pesquisadora de Helena Kolody. Esse livro reúne poemas que contam a história da poetisa. Portanto, trata-se de um texto autobiográfico que, ao fazer parte da abertura do livro, revela um pouco mais da vida da autora aos leitores apaixonados por suas poesias.
		Que imagem o autor faz de seu interlocutor?	Nas autobiografias, na maioria de seus enunciados, revelam-se para os interlocutores aspectos positivos e valorativos da vida do autobiografado. Portanto, direciona-se a um leitor que idealiza positivamente o papel social ocupado pelo sujeito autobiografado. No enunciado em análise, Helena Kolody direciona-se a um leitor que já conhece, pelo menos em parte, a sua vida. Tanto que a reconta (buscando expressões em outros livros já publicados), de maneira sucinta, mas com a mesma emoção que demonstra ao sintetizar os seus versos.

		Qual é a atitude valorativa dos participantes?	O autor geralmente valoriza fatos ocorridos em sua vida, relatando-os com emoção. E do leitor é esperado que os acolha e os valorize. O que Helena Kolody destaca valorativamente em sua autobiografia é a sua origem ucraniana, sua família, sua infância, sua profissão como professora e sua opção pela poesia.
--	--	--	---

Fonte: organizado pela autora a partir de estudos pautados em Volochinov e Bakhtin (1926), Rodrigues (2001); Acosta-Pereira (2012) e Brocardo (2015).

Como é possível conferir no quadro 02, a autobiografia, reconhecida, na maioria das vezes, como um gênero da esfera literária, já existe há séculos, e ainda continua muito presente em nossa sociedade. Vale acrescentarmos que a primeira autobiografia da qual se tem registro é a de *Santo Agostinho* (354-430), conhecida universalmente. Além dessa, destaca-se a famosa obra *Diário de Anne Frank*, outro exemplo clássico do gênero. Embora haja uma longa tradição desse gênero, Azevedo e Guimarães (2010) enfatizam que

[...] sua visibilidade tem sido marcante, hoje em dia, nas mais diversas mídias. Cada vez mais populares – numa época em que imagens da vida de celebridades invadem as bancas de revistas e as telas –, tanto biografias autorizadas ou não quanto autobiografias transformaram-se num fenômeno comunicacional (AZEVEDO; GUIMARÃES, 2010, p. 169).

Trata-se, assim, de um gênero cujo discurso organiza-se dentro de um misto de ficção e de realidade. Por isso, a dificuldade muitas vezes em classificá-lo como pertencente à esfera literária ou jornalística. Nessa direção, Azevedo e Guimarães defendem que

[...] sua situação limítrofe entre a vida e a ficção coloca toda narrativa em primeira pessoa sob o signo da suspeição. Afinal, uma autobiografia caracteriza-se como um ato particular de interpretação, no qual as experiências vividas são conformadas, revisadas, sintetizadas e modificadas pela representação (AZEVEDO; GUIMARÃES, 2010, p. 170).

Por outro lado, Lejeune (2008) afirma que a autobiografia é uma narrativa retrospectiva em prosa que o narrador faz de fatos marcantes de sua vida. Nesse sentido, o narrador deve ser uma pessoa real, pois na autobiografia o leitor espera que o horizonte de verdade seja pertinente. O autor, ao escrever sobre sua vida, escolhe fatos, recorta situações e episódios, em ordem cronológica, que lhe marcaram significativamente. Por isso, seus valores axiológicos se tornam mais evidentes, uma vez que ele seleciona e filtra informações com o propósito de projetar para o leitor imagens que deseja (re)construir de si próprio. Trata-se, assim, de um autorretrato que é passado ao leitor devido a uma necessidade veemente de expor o seu interior a um julgamento público.

Embora seja comum que o próprio autor escreva sua autobiografia, existe o que se chama hoje de *ghostwriter* (escritor fantasma), ou seja, uma pessoa que é contratada pelo próprio sujeito que quer ver sua vida autobiografada.

Textos desse gênero geralmente são transformados em livros (Exemplos: *Infância*, de Graciliano Ramos; *Bau de ossos*, de Pedro Nava; *Menina do sobrado*, de Cyro dos Anjos; *Meus verdes anos*, de José Lins do Rego dentre outros) e filmes (*O Espelho*, de Andrei Tarkovski, *Visita ou Memórias e Confissões*, de Manoel de Oliveira, dentre outros), mas é comum encontrarmos autobiografias em sites e em capas de livros, apresentando-se, assim, de uma forma mais resumida.

Sinteticamente, apresentamos a dimensão social do gênero autobiografia. Discorreremos, a seguir, sobre a dimensão verbal desse mesmo gênero, atentando-nos, mais especificamente, a seu conteúdo temático, estilo e construção composicional, procurando não perder de vista o contexto extraverbal.

Análise da dimensão verbal do gênero autobiografia

Na análise da dimensão verbal do gênero, voltaremos nosso olhar para o estudo de seus elementos constituintes que foram pontuados por Bakhtin (2003[1979]) como: conteúdo temático, estilo e construção composicional.

O conteúdo temático – ou tema da enunciação – é sustentado pelos condicionantes do extraverbal, pois a partir deles organiza o projeto de dizer, estabelecendo sua unidade de sentido e sua orientação ideológica específica. Por estar diretamente ligado ao enunciado, “O tema da enunciação é na verdade, assim como a própria enunciação, individual e não reiterável” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2004[1929], p. 124), uma vez que representa uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação.

Falar do conteúdo temático é refletir, também, sobre os elementos linguísticos, multimodais e contextuais que se apresentam na composição do enunciado. Para Bakhtin e Volochinov (2004[1979]), não há como apreendermos o tema de um enunciado se desconsiderarmos os elementos que estão presentes na situação, pois, para os autores, “O tema da enunciação é concreto, tão concreto como o instante histórico ao qual ele pertence. Somente a enunciação tomada em toda sua amplitude concreta, como fenômeno histórico, possui um tema” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2004[1929], p. 124).

Essa afirmação do autor nos leva a pensar na reenunciação do gênero na esfera escolar, uma vez que, na escola, estudamos o enunciado na maioria das vezes distante de seu contexto de produção, deslocando-o para a sala de aula, desprendendo-o de sua real função social, já que, nesse âmbito, passa a ser estudado como um procedimento de uso da linguagem a ser ensinável. Todavia, mesmo que em uma situação de ensino não seja possível garantir a sua real concreticidade e toda a amplitude que o momento histórico lhe confere, é possível olhar, desse lugar do ensino, para seu contexto sócio-histórico e ideológico e reenunciá-lo, repensá-lo, reconhecê-lo, revisitá-lo; é possível resgatar seu momento de produção e todo o contexto que o envolve; é possível aproximar-nos dos elementos extraverbais para melhor compreendê-lo. Entendemos que o processo de ensino envolve enunciados de diferentes gêneros; por isso, possibilita que o aluno reflita, analise, compreenda e visualize os diferentes contextos de usos da linguagem. Portanto, defendemos a importância de se trabalhar com os gêneros na sala de aula, mesmo que em situação didática.

O estilo, conforme já dito, corresponde aos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua (em gêneros verbais), ou cores, figuras, imagens, tamanho das letras etc. (em gêneros multimodais), selecionados pelo autor do enunciado em função do que dizer, para quem, quando, onde, por que, ou seja, em função da dimensão extraverbal.

E quanto à construção composicional, o terceiro elemento constituinte do gênero, diz respeito, conforme Acosta-Pereira (2012), à disposição, à orquestração e ao acabamento do enunciado, levando em consideração os participantes da interação. Trata-se, na verdade, dos elementos que organizam estruturalmente o enunciado, mas que não se resumem em formas rígidas, haja vista que todo gênero se revela dentro de uma dimensão fluida e dinâmica, tendo em vista o próprio estilo que o autor pode lhe conferir, dentro dos limites instáveis do contexto. Como afirma Rodrigues (2001), “Na produção do enunciado, é a noção acerca da forma do enunciado total, isto é, de um gênero do discurso específico, que coloca o discurso em determinadas formas composicionais e estilísticas” (RODRIGUES, 2001, p. 44). Ou, de acordo com Bakhtin, a forma composicional está ligada a uma “[...] forma padrão relativamente estável de estruturação de um todo” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 301).

Enfim, são esses três elementos – *conteúdo temático*, *estilo* e *construção composicional* – que abordamos na dimensão verbal do gênero. Para melhor exemplificarmos, recorreremos, novamente, à autobiografia de Helena Kolody (quadro 01) e, a partir desse enunciado, exploramos os elementos constituintes do gênero.

Esse estudo nos permitiu analisar o enunciado e, ao refletir sobre as escolhas lexicais e gramaticais que incidem diretamente sobre o conteúdo temático e a construção composicional do gênero, procuramos não só estudar o seu estilo, mas também promover uma PAL, relacionando-a com o contexto que envolve o enunciado em estudo.

Primeiramente, sintetizamos a análise da dimensão verbal conforme elementos elencados no quadro 03 para, em seguida, propormos algumas atividades de PAL que explorem essa dimensão do gênero em estudo.

Quadro 03 – Análise da dimensão verbal de um enunciado do gênero autobiografia

Dimensão verbal		Enunciado Autobiografia (Helena Kolody)
Conteúdo Temático	Qual é o conteúdo temático presente no enunciado?	O conteúdo temático do enunciado em estudo se volta para fatos importantes da vida de Helena Kolody, marcados por memórias do passado e selecionados em função do projeto de dizer, qual seja, fazer a abertura de um livro que reúne poesias suas que são consideradas autobiográficas.
	Como a autora se coloca diante do tema abordado?	A autora se coloca com paixão, sentimentos, saudades. Fala de seus pais e de sua origem, de seu local de nascimento, de sua constituição familiar e de sua formação profissional, deixando transparecer, em todo percurso histórico, o amor pela vida.
	Que interdiscursos são possíveis identificar? Como eles se revelam no texto?	O enunciado, embora se configure para a esfera literária, organiza-se como um relato histórico, dentro de um viés do documentário jornalístico. Quando diz que <i>nasceu em pleno sertão paranaense</i> , a autora recupera discursos de pessoas que denominaram o núcleo colonial de Cruz Machado dessa forma. Ao dizer que seus pais <i>eram ucranianos</i> e contar resumidamente a vinda deles para o Brasil, Kolody demarca, com orgulho, sua herança eslava que se manifesta em suas poesias. Quando se refere ao seu pai (<i>Miguel Kolody, Miguel, “Seu” Miguel</i>), também retoma vozes passadas de pessoas que assim se referiam ao seu pai. Todavia, ao dizer <i>papai, mamãe, vovô</i> é sua voz de filha e neta que entoa... voz da criança que foi um dia e que assim aprendeu a chamar pelos seus pais e avós. Está presente no enunciado, ainda, expressões que reportam, por exemplo, ao relato histórico <i>“Estava escrito o primeiro capítulo da minha história”</i> ; e também ao discurso poético: <i>“O Magistério e a poesia são as duas asas do meu ideal”</i> . Enfim, o enunciado está entrelaçado de discursos que a autora recupera inclusive de outras obras já publicadas (KOLODY, 1986, 1989).
	Como os interdiscursos se colocam diante do tema?	Os interdiscursos são organizados de modo que valorizem as lembranças da autora, episódios de sua vida, fatos que estão sendo narrados. Tanto sua vida familiar como profissional é colocada em evidência de maneira positiva.
	Há marcas de intertextualidades? Quais? Por que o autor recorre a outros textos?	A autora faz intertextualidade com outros textos seus já publicados. Por exemplo: quando informa seu local de nascimento e o fato de seu pai ter se apaixonado por sua mãe assim que a conheceu. Essa mesma informação consta em uma entrevista que deu a Telma Serur (1988). Quando diz <i>sou uma simples professora normalista e tenho muito</i>

		<i>orgulho disso</i> retoma uma fala publicada no livro “Helena Kolody: poetisa” (1989). No mesmo livro consta <i>amei meus alunos como se fossem meus irmãos, meus filhos</i> , outra marca de intertextualidade com esse enunciado autobiográfico.
Construção Composicional	Plano textual global (organização geral do enunciado autobiográfico)	O enunciado é construído a partir de indicativos temporais que recuperam uma história de vida. Cada parágrafo reporta a um tempo específico da vida da autora.
	Sequência discursiva predominante	Predomina, no caso do enunciado em análise, a tipologia narrativa, marcada principalmente pelo pretérito perfeito.
Estilo do gênero e do autor	Pronomes empregados na primeira ou segunda pessoa	Os pronomes empregados na primeira pessoa são abundantes em textos do gênero e, especialmente, nesse enunciado, uma vez que se organiza a partir da voz do próprio narrador, ou seja, da pessoa autobiografada. No caso do enunciado em estudo, a autora, Helena Kolody, assim emprega os pronomes possessivos: <i>Meus pais...</i> , <i>meu pai...</i> , <i>minha história</i> , <i>minha vida</i> , <i>meus alunos...</i> , <i>meus irmãos</i> , <i>meus filhos</i> ; <i>minhas melhores amigas...</i> , <i>meu ideal</i> . Esses pronomes, ao serem empregados, aproximam Kolody, ainda mais, das informações, tomando-as com exclusividade, pois, afinal de contas, ela está falando de “sua” vida.
	Presença de dêiticos	Os dêiticos que se destacam, abundantemente, no enunciado em estudo (e em outros textos do gênero) são os pronomes possessivos empregados na primeira pessoa (meu, minha) e os verbos conjugados na primeira pessoa do singular, ambos para se referirem à autora do texto – Helena Kolody – que, nessa situação de escrita, encontra-se fora do texto e que se posiciona ali, à distância, para falar de si mesma a uma pesquisadora (Tereza Hatue de Rezende) e aos leitores do livro que esta pesquisadora está organizando. A presença de dêiticos, além de personificar o texto, engradece a pessoa do autor, colocando-o em destaque.
	Tempos verbais	Predominam, no enunciado, os tempos verbais do pretérito do indicativo, destacando-se, principalmente, o pretérito perfeito pelo fato de a autora reportar-se a fatos já ocorridos em sua vida. Essa marca é frequente em enunciados do gênero autobiografia, pois seu propósito é resgatar episódios importantes da vida da pessoa autobiografada.
	Modalizadores	Há poucos modalizadores no enunciado, mas, quando empregados, são para valorizar o episódio relatado. Na maioria das vezes, eles aparecem em forma de adjetivos ou locuções adjetivas: “ <i>em pleno sertão paranaense</i> ”, “ <i>Sou uma simples professora normalista</i> ”, “ <i>impulso irresistível da vocação</i> ”, “ <i>Ao Magistério, dediquei os melhores anos de minha vida</i> ”, “ <i>Lecionei com prazer e entusiasmo</i> ”. Mas se revelam também no emprego de advérbios: “ <i>tenho muito orgulho disso</i> ”, de verbos: “ <i>epidemia de cólera que assolou a Ucrânia</i> ” e pronome possessivo com valor de pronome de tratamento: “ <i>Seu</i> Miguel. Os modalizadores, nos enunciados autobiográficos, têm a função de marcar a voz do autor, suas opções valorativas, de modo que destaquem aquilo que o autor quer deixar evidenciado.
	Características da coesão referencial	Há, no enunciado em estudo, o emprego abundante de elementos da coesão referencial anafórica, marcada principalmente pela coesão lexical, repetição de nomes (<i>Miguel Kolody</i> , <i>Miguel</i> , <i>papai</i> , “ <i>Seu</i> Miguel; <i>Mamãe</i> , <i>Victoria Szandrowska</i> , <i>jovem Victoria</i>) e pela elipse do sujeito (<i>Ønasci</i> , <i>Øcursei</i> , <i>Ølecionei</i> , <i>Øamei</i> , <i>Øescolhi</i>). Como nos enunciados autobiográficos é comum o emprego de substantivos próprios (indicando nomes de pessoas e lugares), esses substantivos (referentes) são retomados, no decorrer do discurso, pelo nome

	completo, parte do nome, apelido etc., como no exemplo anterior. Ao proceder assim, a autora deixa transparecer ao leitor seus sentimentos e, neste caso, a proximidade e o carinho que tinha pelos pais.
Características da coesão sequencial	É comum, em textos desse gênero, que a coesão sequencial seja marcada pela ordem cronológica dos acontecimentos e marcadores temporais como: <i>alguns anos depois, depois, após, com o passar dos anos</i> etc. Todavia, nesse texto em específico, a sequência é garantida apenas pela ordem cronológica dos fatos que é empregada de modo que os leitores viagem pela vida de Helena Kolody, desde seu nascimento até sua vida adulta, como uma professora e poetisa apaixonada pelo que fazia.
Características dos períodos e frases	Períodos curtos e frases verbais. Essa opção garante dinamicidade ao enunciado, uma vez que os leitores possam encontrar, em um texto relativamente curto, um grau elevado de informações. Em cada frase um fato importante é relatado e, em cada período, várias informações são apresentadas. Esse estilo presente neste enunciado é próprio de Helena Kolody que sempre foi concisa em seus textos. Seus poemas são marcados pela brevidade e intensidade de sentimentos e, da mesma forma, sua autobiografia se revela.
Características dos parágrafos	No enunciado em estudo, os parágrafos são curtos e, em cada parágrafo, apresenta-se um recorte da vida relatada. O texto se organiza em sete parágrafos assim representados: 1) data e local de nascimento; 2) apresentação dos pais e de sua posição numérica na família; 3) apresentação do pai; 4) apresentação da mãe; 5) o encontro dos pais; 6) sua formação profissional e sua paixão pela poesia; 7) volta ao presente. Ao optar por essa ordem cronológica dos fatos, Kolody recupera sua origem eslava, mostrando ao leitor como isso é importante em sua vida, e destaca a poesia e sua formação profissional como a essência de sua vida. Os parágrafos curtos aproximam ainda mais os leitores dos fatos relatados. Novamente essa opção revela o estilo da autora, o que nem sempre condiz com o estilo do gênero.
Características lexicais (presença de adjetivos, substantivos, advérbios etc.)	Assim como em outros textos do gênero, predomina, neste enunciado, marcadores temporais (numerais e substantivos indicando ano e meses: <i>12 de outubro de 1912</i> – nascimento de Helena Kolody; <i>1881</i> – nascimento do pai de Helena Kolody; <i>1893</i> – ano em que Miguel perdeu seu pai na grande epidemia de cólera na Ucrânia; <i>1892</i> – nascimento da mãe; <i>1911</i> – vinda da mãe para o Brasil; <i>janeiro de 1912</i> – casamento de seus pais; <i>1931</i> – ano em que Kolody se diplomou na Escola Normal), substantivos próprios (<i>Cruz Machado</i> – nome de lugares e de pessoas; <i>Paraná</i> – estado/local de nascimento da autora; <i>Miguel Kolody</i> – nome do pai; <i>Ucrânia e Galícia Oriental</i> – local de nascimento de seus pais; <i>Brasil</i> – país para onde emigraram seus pais; <i>Victória Szandrowska</i> – nome da mãe; <i>Cruz Machado</i> – cidade onde seus avós maternos se radicalizaram; <i>Escola Normal de Curitiba</i> – local onde estudou). Essas opções lexicais situam a autora na vida e na história, tornando-a ainda mais real e pessoa desse mundo. É como se ela quisesse dizer aos leitores: “eu vivi de verdade, fui uma pessoa de carne e osso assim como você”.
Emprego de diferentes linguagens	Nesse enunciado predomina a linguagem escrita, assim como na maioria dos textos do gênero autobiografias. Mas é possível também que uma autobiografia seja organizada em forma de filme e, então, teremos outras linguagens (oral, musical, corporal, visual etc.) que irão organizar o texto.
Emprego dos sinais de pontuação.	Predomina, no enunciado em estudo, o emprego de vírgulas e ponto final, por se tratar de informações diretas e objetivas. Mas, em outros

		enunciados autobiográficos as reticências podem se fazer presentes como que para deixar em aberto (para o leitor preencher) partes da vida do autor.
--	--	--

Fonte: elaborado por Costa-Hübes, a partir dos estudos da dimensão social e verbal do gênero (BAKHTIN 2003[1979]; RODRIGUES, 2001; ACOSTA-PEREIRA, 2012; BROCARD, 2015), em diálogo com Machado e Cristovão (2009) quando tratam do Modelo Didático do Gênero.

As informações apresentadas, de forma sintética, nesse quadro podem direcionar à PAL que pretendemos desenvolver com os alunos. A partir da leitura de determinado texto, quando se quer focar essa prática, a primeira pergunta que se desponta é: o que especificamente devemos analisar no texto? Quando se trata de enunciados autobiográficos é possível desenvolver atividades de PAL voltadas para formação de frases e de parágrafos; exploração de nomes próprios, pronomes pessoais, oblíquos e indefinidos; construção de frases com apostos; escrita de números; exploração de elementos temporais e espaciais; ordem cronológica e sequencial dos fatos relatados; finalidade da produção e do gênero, dentre outros aspectos que se destacarem no enunciado em análise.

Tendo em vista os aspectos da dimensão verbal do gênero autobiografia e sua relação com a dimensão social, definidos a partir do enunciado *Autobiografia (Helena Kolody)*, ousamos apresentar algumas possibilidades de atividades que encaminham para a PAL pertinente a esse enunciado. Embora o foco recaia mais especificamente para o estilo do gênero (e do autor), não há como desarticular a análise do conteúdo temático e da construção composicional, pois, reiterando as palavras de Bakhtin (2003[1979]), esses elementos se encontram imbricados. Apresentamos, então, a seguir, algumas atividades que consideramos viáveis para a PAL de um texto.

Práticas de análise linguística em atividades de leitura

A autobiografia é construída a partir da vida de uma pessoa pública, reconhecida socialmente, e que desperta interesse, muitas vezes, obsessivo. Sendo assim, o primeiro aspecto a se explorar em textos desse gênero é sobre quem o texto fala. Para isso, é preciso que, primeiramente, o aluno leia e compreenda o texto globalmente para, só então, desenvolver a PAL. A leitura precede a PAL. Sendo assim, no quadro 04 apresentamos inicialmente algumas atividades de leitura imbricadas com PAL, pois ao mesmo tempo em se voltam para o conteúdo temático do texto, relacionando-o com seu contexto de produção, reportam-se para elementos linguísticos comuns em textos desse gênero, como é o caso do emprego de substantivos próprios

(nomes de pessoas e de lugares). Com esse encaminhamento, pretendemos aliar, na análise, a compreensão do conteúdo temático, do estilo e da construção composicional. Vejamos algumas possíveis atividades:

Quadro 04 – Atividades de leitura e de análise linguística: substantivos próprios

- 1) Um texto autobiográfico é construído a partir da vida de uma pessoa. No texto em estudo se fala sobre a vida de qual pessoa?
- 2) Como que finalidade esse texto foi produzido pela autora?
- 3) Geralmente as autobiografias representam pessoas públicas, conhecidas socialmente. Quem é Helena Kolody? O que mais sabemos sobre ela?
- 4) As autobiografias, na maioria das vezes, apresentam substantivos próprios para indicar nomes de familiares da pessoa autobiografada. Recupere no texto em estudo os seguintes substantivos que representam nomes próprios:
 - a) Nome do pai de Helena Kolody:
 - b) Nome da mãe de Helena Kolody:
- 5) Além desses nomes próprios, encontram-se, facilmente, em textos autobiográficos, outros substantivos próprios se referindo a lugares. Nesse caso, indique:
 - a) Cidade onde nasceu Helena Kolody:
 - b) Estado de seu nascimento:
 - c) Local de nascimento de seu pai:
 - d) Local de nascimento de sua mãe:
 - e) País de onde emigraram seu pai e sua mãe:
 - f) Local onde Helena Kolody estudou:
- 6) Agora reflita: por que a autora empregou esses nomes em sua autobiografia?
- 7) Esses nomes são importantes para os propósitos de Helena Kolody? Por quê?

Fonte: atividades elaboradas pela autora do artigo.

No quadro anterior, as atividades de 1 a 3 objetivam colocar o aluno em contato com o conteúdo temático do texto para aproximá-lo um pouco mais das atividades de análise linguística que sucederão. Com essa abordagem não se esgota, de forma alguma, as atividades de leitura que explorariam esse elemento constituinte do gênero, e nem é nosso propósito fazê-lo nesse momento. O percurso de atividades que apresentamos é no sentido de apontar para o que minimamente o aluno precisa saber antes de proceder a determinados encaminhamentos da PAL, como, nesse caso, o reconhecimento de substantivos próprios no texto e de sua funcionalidade linguístico-discursiva (atividades 4 e 5). As questões 6 e 7 têm função epilinguísticas (GERALDI, 1997), ou seja, fazer com que o aluno reflita sobre as escolhas linguísticas de um texto e sua funcionalidade.

Como em textos do gênero autobiografia se destacam, também, os marcadores temporais na perspectiva de relatar, cronologicamente, a vida do autor, esse é outro elemento que pode ser explorado em PAL. Para isso, propomos o seguinte encaminhamento:

Quadro 05 – Atividades de leitura e de análise linguística: marcadores temporais

- 1) Ao escrever sua autobiografia, a autora destaca, entre outras coisas, datas importantes que registraram sua história. Voltando à autobiografia de Helena Kolody, recupere essas datas:
 - a) Data de nascimento:
 - b) Ano de nascimento de seu pai:
 - c) Ano em que seu pai emigrou para o Brasil:
 - d) Ano de nascimento da mãe:
 - e) Ano em que a mãe emigrou para o Brasil:
 - f) Data do casamento de seus pais:
 - g) Ano em que Helena Kolody diplomou-se na Escola Normal:
- 2) A partir das informações apresentadas na questão anterior é possível inferir que (responda):
 - a) Helena Kolody, ao publicar essa autobiografia em 1997, estava com quantos anos de idade?
 - b) O pai de Helena Kolody veio ao Brasil com que idade?
 - c) E sua mãe, tinha que idade quando emigrou para o Brasil?
 - d) Com que idade eles se casaram?
 - e) Com que idade Helena Kolody se formou na Escola Normal de Curitiba?
- 3) Por que, em textos autobiográficos, é importante empregar os marcadores temporais?
- 4) O que esses marcadores temporais empregados por Helena Kolody nos possibilitam na leitura do texto?

Fonte: atividades elaboradas pela autora do artigo.

Na questão 1 do quadro 05, provoca-se o aluno a retornar ao texto e recuperar datas importantes que foram selecionadas pela autora dentre tantas que marcaram sua vida. Entendemos que se tratam, conforme Geraldí (1997), de atividades linguísticas, uma vez que direciona a atenção do leitor para as escolhas linguísticas do autor. E, por outro lado, chama a atenção para um dos estilos do gênero que é muito bem empregado por Helena Kolody. Todavia, essas datas no texto nos fazem, como leitores, inferir a idade das pessoas mencionadas, o que nos possibilita imaginá-las de forma mais aparente. Por isso, a atividade 2 (que é de leitura) foi elaborada com o intuito de instigar o aluno a tais inferências. Já a atividade 3 tem função epilinguística, uma vez que provoca reflexões sobre um elemento gramatical empregado, qual seja, marcadores temporais. E a atividade 4, por sua vez, tem a finalidade de aliar conteúdo temático, estilo e construção composicional na leitura do enunciado.

Outra marca do estilo linguístico do gênero autobiografia é a seleção do modo e tempo verbal. Predomina-se, em textos desse gênero, o modo indicativo, marcado pelo pretérito perfeito e imperfeito, haja vista se tratar de um gênero cuja tipologia, na maioria dos textos, é predominantemente narrativa. Por se tratar de um relato que toma como referência o mundo real (o narrador se coloca no “aqui”, “agora” e a partir desse lugar olha para o seu passado), é comum encontrarmos, em alguns momentos, verbos conjugados no presente do indicativo como que para indicar a presença viva do narrador (da pessoa autobiografada). Por se tratar de elementos linguísticos importantes na construção de sentidos do texto, entendemos que em PAL não se pode deixar de explorar o tempo verbal. Assim, ao olharmos para o enunciado em estudo, sugerimos algumas atividades, constantes no quadro a seguir:

Quadro 06 – Atividades de análise linguística: tempo e modo verbal

- 1) Leia o primeiro parágrafo do texto atentando para os verbos em destaque. E depois, com a ajuda de seu (sua) professor (a), responda:
- “**Nasci** no dia 12 de outubro de 1912, no núcleo colonial de Cruz Machado, em pleno sertão paranaense. **Eram** 8 horas da manhã de um dia de sol e geada”.
- a) No primeiro período, o verbo “nasci” está conjugado em que tempo verbal?
- () Presente do indicativo
 () Pretérito perfeito do indicativo
 () Pretérito imperfeito do indicativo
 () Futuro do pretérito do indicativo
- b) O que é possível inferir a partir do emprego desse verbo? Assinale a alternativa correta:
- () Que se trata de uma ação que está em andamento, no presente.
 () Que se trata de uma ação concluída, encerrada naquele tempo passado.
 () Que se trata de uma ação rotineira naquele tempo passado.
 () Que se trata de uma ação rotineira no presente.
- c) O segundo período do parágrafo se inicia pelo verbo “Eram”. Qual é o seu tempo verbal?
- () Presente do indicativo
 () Pretérito perfeito do indicativo
 () Pretérito imperfeito do indicativo
 () Futuro do pretérito do indicativo
- d) Nesse caso, é possível inferir que:
- () Esse verbo foi empregado para marcar um tempo que se repetia diariamente.
 () Esse verbo foi empregado para indicar uma ação concluída, acabada.
 () Esse verbo foi empregado para se referir a uma ação que ocorre no tempo presente.
 () Esse verbo foi empregado para marcar um tempo futuro.
- 2) Vejamos agora os verbos empregados no segundo parágrafo:
- “Meus pais **eram** ucranianos, que se **conheceram** e casaram no Paraná. Eu **sou** a primogênita e a 1ª brasileira de minha família.”
- a) Relacione as colunas, indicando o tempo verbal de cada verbo:
- (1) Eram () Pretérito perfeito
 (2) Conheceram () Presente
 (3) Sou () Pretérito imperfeito
- b) A partir dessa classificação gramatical, reflita e responda:
- Por que a autora emprega o tempo presente nesse trecho do texto?
 - Justifique o emprego do pretérito imperfeito.
 - Explique o emprego do pretérito perfeito.
- c) Encontre, no texto, outros verbos que foram empregados no pretérito perfeito. Depois reflita: por que predomina, em textos do gênero autobiografia, esse tempo verbal?
- d) No penúltimo parágrafo do texto a autora afirma: “**Sou** uma simples professora normalista e **tenho** muito orgulho disso.” Por que a autora recorre ao tempo presente para registrar essas informações sobre sua vida?
- e) A autora finaliza sua autobiografia com a frase: “O Magistério e a poesia **são** as duas asas do meu ideal.” Que sentido é possível construir a partir do emprego do tempo presente nesse trecho final do texto?

Fonte: atividades elaboradas pela autora do artigo.

Retomando o quadro 06, entendemos que as atividades 1a, 1c e 2a são atividades metalinguísticas, conforme denominou Geraldi (1997), porque seu propósito é classificar gramaticalmente as palavras. Mas seguida a elas (1b, 1d, 2b, 2c, 2d e 2e) estão as atividades

epilinguísticas que, a partir do elemento gramatical categorizado, procuram provocar no aluno a reflexão sobre tais opções gramaticais. A questão 2c, por exemplo, alia, em uma só questão, a metalinguagem com o epilinguismo na perspectiva de fazer compreender que não basta localizar determinado tempo verbal no texto. É preciso compreender também o seu emprego em relação ao gênero. Nas questões 2d e 2e, o aluno é provocado a compreender a voz da autora a partir de uma escolha gramatical. A intenção é que a PAL auxilie na compreensão do texto, ou seja, que a compreensão gramatical seja direcionada para a leitura. Logo, essas questões, além de serem atividades epilinguísticas, conforme denominou Geraldi (1997), são também atividades de interpretação.

Além das atividades apresentadas, poderíamos aproveitar a oportunidade para explorar a linguagem metafórica muito bem empregada no trecho “O Magistério e a poesia são as duas asas do meu ideal.” O que podemos inferir dessa relação entre magistério e poesia com “asas do meu ideal”? Esta seria uma pergunta pertinente que, além de propiciar uma melhor interpretação do texto, poderia, nesse caso, explorar as metáforas, um recurso de linguagem muito empregado em textos literários. Além dessa inferenciação, seria possível ainda relacionar o emprego dessa figura de linguagem com o estilo da autora e, principalmente, para a atividade que ela mais gostava de fazer: escrever poesias.

Outro elemento linguístico empregado abundantemente no texto em estudo (e em outros textos do gênero) são os dêiticos. É considerado dêitico todo elemento que evoca um referente presente não no cotexto, mas na enunciação, ou seja, no contexto extraverbal, fora do texto. No caso do enunciado em estudo, destacamos o emprego do pronome possessivo (*meu, minha*) e do verbo na primeira pessoa (*nasci, cursei, dediquei, ameí* etc.), ambos se referindo à Helena Kolody que se encontra no contexto. Portanto, esse é mais um elemento passível de ser explorado em PAL. Sugerimos algumas atividades que constam no quadro a seguir:

Quadro 07 – Atividades de análise linguística: dêiticos

- | |
|--|
| <p>1) Observe as palavras destacadas nos trechos seguintes:
 <u>Meus</u> pais eram ucranianos... / <u>Eu</u> sou a primogênita e a 1ª brasileira de minha família./... <u>meu</u> pai, nasceu na parte da Ucrânia... / Estava escrito o primeiro capítulo da <u>minha</u> história./
 Amei <u>meus</u> alunos como se fossem <u>meus</u> irmãos, <u>meus</u> filhos./Muitas de <u>minhas</u> melhores amigas de hoje foram <u>minhas</u> alunas. O Magistério e a poesia são as duas asas do <u>meu</u> ideal.</p> <p>a) A quem se referem às palavras destacadas?
 b) Ao empregar o pronome possessivo “meu/minha” em vários trechos do texto, o que Helena Kolody possibilita inferir sobre sua vida?</p> <p>2) Observe, agora, as palavras destacadas nos seguintes fragmentos do texto:
 <u>Nasci</u> no dia 12 de outubro de 1912... / <u>Cursei</u> a Escola Normal de Curitiba.../ <u>Sou</u> uma simples professora normalista e <u>tenho</u> muito orgulho disso./ Ao Magistério, <u>dediquei</u> os melhores anos de</p> |
|--|

- minha vida. **Lecionei** com prazer e entusiasmo. **Amei** meus alunos como se fossem meus irmãos, meus filhos.
- a) A quem essas palavras se referem?
 - b) Por que elas foram empregadas?
- 3) Ao optar por escrever o texto na primeira pessoa do discurso (eu), o que a autora deixa implícito aos seus leitores?

Fonte: atividades elaboradas pela autora do artigo.

As atividades 1 e 2 do quadro 07 querem chamar a atenção do leitor para o emprego dos pronomes e verbos na primeira pessoa. Assim, em 1a e 2a temos uma atividade linguística que possibilita buscar o referente dos pronomes pessoal (eu) e possessivo (meus, minhas). As atividades 1b e 2b tentam provocar a reflexão sobre essas escolhas linguísticas, portanto, são atividades epilinguísticas. A atividade 3 possibilita inferir a partir dos recursos linguísticos empregados, logo, trata-se de uma atividade de leitura e interpretação.

Queremos destacar, também, a coesão referencial como outra característica marcante do estilo linguístico tanto do gênero autobiografia quanto da autora (Helena Kolody) e que pode ser explorada em PAL. A coesão referencial, segundo Koch (1991), diz respeito à remissão que um componente da superfície textual faz a outro elemento do texto. Essa remissão pode ser em relação a um elemento já mencionado no texto (coesão referencial anafórica) ou a um elemento que ainda será citado no decorrer do texto (coesão referencial catafórica). Essas formas referenciais, conforme a autora, podem ocorrer por meio do emprego de artigos, pronomes, numerais, advérbios e expressões adverbiais, formas verbais e nominalizações.

Conforme pontuamos no quadro 03, a coesão referencial em textos autobiográficos (e principalmente neste, em estudo) é marcada principalmente por nominalizações, pois, em textos do gênero, é comum destacar alguns substantivos próprios para ser referir a entes queridos da família, os quais são retomados ou por parte do nome, ou por expressões carinhosas. Apresentamos, então, algumas possibilidades de explorar esse estilo linguístico presente no texto em estudo, no quadro 08.

Quadro 08 – Atividades de análise linguística: coesão referencial

- 1) No segundo parágrafo do texto a autora informa: “**Meus pais** eram ucranianos...”. Essa informação em destaque só é esclarecida em parágrafos seguintes do texto. Nesse caso, responda:
- a) Quem eram os pais de Helena Kolody? Em que parágrafos você encontrou essa informação?
 - b) Que outras palavras a autora empregou para retomar o nome de seu pai? O que podemos inferir a partir dessas escolhas?
 - c) E para referir-se à sua mãe, que palavras a autora empregou? O que podemos inferir?
 - d) No trecho “**Seu**” **Miguel** conheceu a **jovem Victoria** e apaixonou-se por **ela**. As palavras em destaque se referem a quem?
 - e) O que o uso das aspas na palavra “**Seu**” **Miguel** nos permite inferir?

Fonte: atividades elaboradas pela autora do artigo.

Na atividade 1a, temos a exploração de um caso de coesão anafórica: para saber o nome dos pais de Helena Kolody o autor deve continuar lendo o texto e esta informação será apresentada apenas nos parágrafos seguintes. Trata-se, assim, de uma atividade linguística apenas. As atividades 1b e 1c, além de cobrar um retorno ao texto para recuperar as palavras solicitadas, provoca a reflexão quando faz o aluno pensar nessas escolhas linguísticas. Assim, podemos dizer que se trata de atividades linguísticas e epilinguísticas também. Em 1d, temos mais uma atividade linguística, uma vez que se volta para algumas escolhas lexicais. Todavia, em 1c, além de apontar para um referente do texto, tem o propósito de provocar a leitura do emprego das aspas na palavra “seu”. Trata-se, assim, de uma pergunta de leitura e interpretação a partir de determinada marca linguística no texto.

Enfim, delineamos, nos quadros anteriores, algumas atividades possíveis que podem encaminhar uma PAL no Ensino Fundamental. Todavia, estamos cientes que não esgotamos, de forma alguma, as possibilidades de trabalho com esse enunciado e, muito menos, com o gênero, pois, dependendo do texto em estudo, outras reflexões podem se destacar como mais importantes. Salientamos, assim, que não há como prever um roteiro de conteúdos que se enquadre para qualquer texto/enunciado do gênero, o que significa dizer que as atividades variam conforme o texto selecionado para essa finalidade.

Considerações finais

Procuramos, neste artigo, tratar da PAL em diálogo com as dimensões extraverbal (social) e verbal do gênero, na perspectiva de ressaltar a dinamicidade da linguagem e suas representações nos diferentes contextos de uso.

Nesse âmbito, o que importa é entendermos que a PAL ocorre a partir de enunciações concretas, configuradas em enunciados pertencentes a determinado gênero. Sendo assim, o ponto de partida dessa prática é o reconhecimento da dimensão social do gênero que nos permitirá compreender melhor sua dimensão verbal que incide diretamente nas escolhas linguístico-discursivas dos enunciados. Importa ainda lembrarmos que a PAL, quando abordada sob o viés da leitura, permite-nos ler e compreender melhor o texto em estudo, ao estabelecer relações entre o que é dito, com sua forma de dizer e com a finalidade discursiva.

Esperamos, assim, ter contribuído, pelo menos em parte, com a ampliação desse conhecimento, de modo a subsidiar o trabalho com a linguagem na sala de aula.

Referências

ACOSTA-PEREIRA, R. *Gênero carta de conselhos em revistas online: na fronteira entre o entretenimento e a autoajuda*. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

AZEVEDO, D.; GUIMARÃES, D. Memória e autobiografia: uma abordagem do gênero textual no filme *O Espelho*, de Andrei Tarkovski. *Comunicação & Sociedade*, Ano 31, n. 53, p. 167-189, jan./jun. 2010.

BAKHTIN, M. [1979]. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____; VOLOCHINOV, V. N. [1929]. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Traduzido por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BROCARD, R. O. *O gênero carta do leitor em diferentes suportes e mídias: uma análise de aspectos linguístico-discursivos*. 2015. 200 p. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel.

GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. (Org.). *O texto na sala de aula*. Cascavel: Assoeste, 1984.

KOCH, I. V. *A coesão textual*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 1991.

LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Trad. Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MACHADO, A. R.; CRISTÓVÃO, V. L. L. A Construção de Modelos Didáticos de Gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros. In: ABREU-TARDELLI, L. S.; CRISTÓVÃO, V. L. L. (Orgs.). *Linguagem e educação: o ensino e a aprendizagem de gêneros textuais/textos de Anna Rachel Machado e colaboradores*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009. p. 123-152.

PERFEITO, A. M. Concepções de linguagem e Análise Linguística: Diagnóstico para proposta de intervenção. In: *Anais do I CLAPFL – Congresso Latino-americano de Línguas, 2007*, Florianópolis: EDUSC, 2007. p. 824 – 836.

RODRIGUES, R. H. *A Constituição e o funcionamento do gênero Jornalístico Artigo: Cronotopo e Dialogismo*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001.

VOLOSCHINOV, V. N.; BAKHTIN, M. M. *Discurso na Vida e Discurso na Arte* (sobre a poética sociológica). Trad. De Carlos Alberto Faraco & Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo, 1926.